



CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA
CURSO LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

PATRÍCIA GOMES DE ARAÚJO

LINHA DE PESQUISA:
O Ensino de Geografia na Educação Fundamental e Médio

**A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NO COTIDIANO
ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO, O MOVIMENTO
PENDULAR DOS ALUNOS DO CENTRO EDUCACIONAL
OSMAR DE AQUINO, GUARABIRA-PB**

GUARABIRA-PB
2010

PATRÍCIA GOMES DE ARAÚJO

**A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NO COTIDIANO
ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO, O MOVIMENTO
PENDULAR DOS ALUNOS DO CENTRO EDUCACIONAL
OSMAR DE AQUINO, GUARABIRA-PB**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades, Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciado em Geografia, sob a orientação da professora Esp. Cléoma M^a Toscano.

GUARABIRA-PB
2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

A658i

Araújo, Patrícia Gomes de

A importância da geografia no cotidiano escolar: um estudo de caso, o movimento pendular dos alunos do Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira-PB / Patrícia Gomes de Araújo. – Guarabira: UEPB, 2010.

49f. Il. Color.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC)
– Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Esp. Cléoma Maria Toscano”.

1. Geografia - Ensino 2. Migração 3.
Realidade do Aluno I. Título.

22.ed. CDD 372.891

PATRÍCIA GOMES DE ARAÚJO

Trabalho de conclusão de curso, A Importância da Geografia no Cotidiano Escolar: Fenômeno Migratório dos Estudantes do Centro Educacional Osmar de Aquino, Guarabira- PB. Apresentado por Patrícia Gomes de Araújo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Geografia pela UEPB.

Aprovado em: 16 / 12 / 2010

BANCA EXAMINADORA:

Cléoma Maria Toscano DGH/CH/UEPB

PROF^a CLÉOMA M^a TOSCANO DGH/CH/UEPB
(ORINETADORA)

Edinilza Barbosa da Silva

PROF^a MS. EDINILZA BARBOZA DA SILVA
(1^o EXAMINADORA)

Mônica de Fátima Guedes de Oliveira

PROF^a MS. MÔNICA DE FÁTIMA GUEDES DE OLIVEIRA
(2^o EXAMINADORA)

A todos os alunos das redes pública e privada, que saem diariamente das suas cidades para vir estudar em Guarabira, arriscando suas vidas, na maioria das vezes, em busca de ter uma formação educacional mais elevada, e uma profissão. A todos, minha enorme admiração.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Primeiramente obrigada meu Deus, porque para Ti são todas as coisas, e em minha vida Tu és primordial. Agradeço a Ti Senhor, pois colocastes em meu caminho pessoas para qual usasses ao meu favor, auxiliando na minha formação pessoal e educacional. Obrigada meu Pai celeste pela maravilhosa família que Tu me presenteou, meus pais, que nunca mediram distâncias às minhas necessidades, especialmente na área educacional, meu irmão, juntamente com sua esposa, que sempre me apoiaram. Minha irmã e seu esposo, que sempre viram em mim alguém capaz de superar qualquer obstáculo inclusive a conclusão deste curso em que tanto me alegro.

Aos professores de todos esses anos da UEPB, aos meus companheiros de classe, inesquecíveis; e aos funcionários da instituição.

Aqui deixo o meu mais singelo desejo de gratidão. Que este seja o início de uma bela trajetória acadêmica.

A todos, muito obrigada!

“Se a Educação não transforma a sociedade,
sem ela tão pouco muda”.

(Paulo Freire)

043 – GEOGRAFIA

A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NO COTIDIANO ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO, O MOVIMENTO PENDULAR DOS ALUNOS DO CENTRO EDUCACIONAL OSMAR DE AQUINO, GUARABIRA-PB

LINHA DE PESQUISA: O Ensino de Geografia na Educação Fundamental e Médio

AUTORA: PATRÍCIA GOMES DE ARAÚJO

ORIENTADOR: ESP. CLÉOMA MARIA TOSCANO HENRIQUES/DGH/CH/UEPB

EXAMINADORES: MS. MÔNICA GUEDES DE OLIVEIRA/DGH/CH/UEPB

MS. EDINILZA BARBOSA DOS SANTOS/DGH/CH/UEPB

RESUMO

Este trabalho tem por finalidade trazer os resultados obtidos na experiência do estágio supervisionado II, inserindo os conteúdos dos livros didáticos para a realidade do aluno dentro da perspectiva do Cotidiano Escolar. Sendo neste, destaque para os fenômenos urbanos inseridos nos contexto geográfico da sociedade guarabirensense para o ensino de Geografia, com uma percepção clara e objetiva, interligando os conteúdos com a realidade local dos educandos, no nosso caso, a Migração Interna com o Movimento Pendular. Fundamentado nas pesquisas levantadas em um retrospecto da história do Ensino de Geografia, desde as Companhias de Jesus às mais diversas teorias como exemplo a de Yves Chevallard, Yvor Goodson, André Chervel, Delgado de Carvalho, e os mais contemporâneos, Circe Bittencourt, Milton Santos, Visentini, entre outros. Apresentar novas metodologias de como ensinar Geografia para a geração do século XXI, também faz parte deste, que visa priorizar o papel fundamental da escola, formar cidadãos para a sociedade. Alunos conscientes e questionadores, críticos e atuantes na sua comunidade, são adjetivos que nós professores de Geografia devemos ter em foco como objetivo de ensino. E este trabalho representa um pouco deste objetivo, de interligar conteúdos geográficos à realidade dos alunos, especificamente os do Centro Educacional Osmar de Aquino, que convivem diariamente com o fenômeno migratório, onde centenas de alunos veem das cidades circunvizinhas da região do Brejo/Agreste paraibano para estudar ou trabalhar no município de Guarabira.

PALAVRAS-CHAVE: Migração, Ensino de Geografia, Realidade do aluno.

043 GEOGRAPHY

THE IMPORTANCE OF GEOGRAPHY IN DAILY LIFE SCHOOL: A CASE STUDY, THE PENDULUM MOVEMENT OF PUPILS IN EDUCATIONAL CENTER OSMAR AQUINAS, GUARABIRA-PB

RESEARCH INTERESTS: The Teaching of Geography in Elementary and Middle

AUTHOR: PATRÍCIA GOMES DE ARAÚJO

ADVISOR: ESP. CLÉOMA MARIA TOSCANO HENRIQUES/DGH/CH/UEPB

EXAMINERS: MS. MÔNICA GUEDES DE OLIVEIRA/DGH/CH/UEPB

MS. EDINILZA BARBOSA DOS SANTOS/DGH/CH/UEPB

ABSTRACT

This work aims to bring the results of the experience of supervised II, entering the content of textbooks to the student's reality from the perspective of everyday school life. Being in this, especially the urban phenomena embedded in society guarabirensis geographic context for the teaching of geography, with a clear and objective, linking content with the local reality of the students in our case, the Internal Migration with commuting. Based on the theories raised in a retrospect of the history of the Teaching of Geography, from the Company of Jesus to several theories as an example of Yves Chevillard, Yvor Goodson, Andrew Chervel, Delgado de Carvalho, and more contemporary, Circe Bittencourt, Milton Santos, Visentini, among others. Introduced new methodologies for teaching geography to the generation of the century, also part of this, which seeks to prioritize the role of the school, to train citizens to society. Students aware and questioning, critical and active in their community, are adjectives that we teachers of geography should have focused on the objective of education. And this work represents a little of this goal of linking geographic content to the reality of students, specifically those of the Centro Educacional Osmar Aquino, who live daily with the migration phenomenon, where hundreds of students from surrounding towns to see the Brejo /Agreste to study or work in the city of Guarabira.

KEY-WORDS: Migration, School of Geography, Reality of the student.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de Figuras

Figura 1 Esquema da cultura escolar segundo a concepção de Goodson e André Chervel.	14
Figura 2 Cidades da Microrregião de Guarabira-PB.....	30

Lista de Fotos

Foto 1 Fachada do Centro Educacional Osmar de Aquino.....	35
Foto 2 Dr. Osmar de Aquino.....	36
Foto 3 Turma do 2º ano Magistério, turno tarde. Os futuros professores primários formados pelo C.E.O.A.....	37
Foto 4 Migração Pendular dos alunos do C.E.O.A.....	38
Foto 5 Adaptações para portadores de necessidades especiais do C.E.O.A.....	39

Lista de Gráfico

Gráfico 1 Percentual Migratório dos alunos da turma do 2º ano B, turno noite.....	40
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
2.1 O que é Geografia Escolar?.....	12
2.2 Disciplina Escolar.....	12
2.2.1 Retrospectiva histórica sobre o ensino de Geografia no Brasil.....	14
2.2.1.1 A Geografia escolar e suas metodologias de ensino.....	20
2.3 O Urbano como Possibilidade de Aprendizagem Geográfica.....	26
2.3.1 Migração populacional: destaque para o fenômeno movimento pendular no município de Guarabira-PB.....	28
2.3.2 O ensino de Geografia inserida no cotidiano do aluno.....	30
3 METODOLOGIA.....	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
4.1 Caracterização da Escola Osmar de Aquino.....	35
4.2 A Migração Escolar dos Alunos do Centro Educacional Osmar de Aquino.....	37
4.3 O Desenvolvimento do Estágio: Recepção.....	38
4.4 O Corpo Docente do Centro Educacional Osmar de Aquino (C.E.O.A.).....	39
4.5 A Sala de Aula: Relação Ensino e Aprendizagem.....	40
4.6 Observações Para Ser um Bom Professor.....	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico tem por finalidade apresentar o resultado do projeto de pesquisa oferecido pelo estágio supervisionado II, aplicado no Centro Educacional Osmar de Aquino entre os anos de 2009 a 2010 desenvolvido pelo componente curricular da Universidade Estadual da Paraíba, Prática Pedagógica IV. Através de um questionário sócio-econômico e cultural pôde-se trabalhar um conteúdo escolhidos por meio deste, a partir da realidade dos alunos.

Baseado em seus resultados o questionário sócio-econômico e cultural destacou-se um fato até então despercebido pela turma, já que cerca de 99% da turma eram de outras cidades, a migração pendular foi o tema escolhido para se relacionar o Ensino de Geografia com realidade do aluno. Fazendo deste fato real uma problemática a ser discutida em sala, desenvolvendo o senso críticos dos alunos e despertando uma nova visão para os conteúdos de Geografia. Derrubando desta forma a teoria abordada no primeiro capítulo da questão da “Transposição Didática”, de Yves Chevallard sobre as aulas de geografia. Onde mais a frente foi rediscutida pelos pesquisadores Ivor Goodson e André Chervel, que a disciplina escolar não é meramente transpor o conhecimento da academia pra a sala de aula, mas que constava-se também méritos de outros conhecimento, distinguindo assim duas formas de conhecimento, a científica e a escolar, com destaque para as metodologias de ensino em suas características personalizadas pelo cotidiano escolar. Originando a perspectiva da escola ser vista como uma entidade autônoma, onde a mesma carrega sua própria dinâmica, não imposta pela academia, mas sim influenciada pelas necessidades sociais locais, como o Estado, religiões, pais de alunos, professores, comunidade, enfim, todos esses elementos solidificando a uma cultura, a cultura escolar.

Estabelecida uma cultura, visto que estão inseridos nela elementos primordiais de uma sociedade, a Geografia deixa de ser um termo técnico-científico, e passa a ser ensinada de forma indagadora, não apenas preocupada com dados estatísticos e nomenclaturas, mas de uma ciência estruturada com fundamentos científicos adaptados para a linguagem do publico discente, da realidade local. Assim no segundo capítulo destaquemos baseados nos estudos de Cavalcante (2008), que “a Geografia Escolar não se ensina, se constrói”. Ou seja, os professores transferem os conhecimentos científicos em exemplos concretos, que de fatos são vivenciados pelos alunos em seu cotidiano. Trazendo os fenômenos sociais para a sala de aula, para o ensino de Geografia, nas suas enes metodologias, que vão desde o tradicional até o inovador.

Fazer os alunos entenderem que o ensino de geografia é rico em temas de conhecimentos da realidade, local/global, é o ponto chave deste trabalho monográfico. Quebrando os preconceitos trazidos durante décadas da disciplina de Geografia como a matéria da “Decoreba”, interligando os conteúdos postos no livro didático com a realidade dos mesmos, despertam mais interesse e melhor a capacidade do aprendizado geográfico é primordial, pois dessa forma o aluno compreende a função da geografia escolar, tornando em um indivíduo consciente, questionador, desinibido e auto-crítico com os fenômenos sociais diários, cientes de seus direitos e deveres como cidadãos de uma sociedade interligada direta ou indiretamente ao mundo.

Por fim, o terceiro e o quarto capítulos relatam o desenvolvimento, resultados e discussões obtidas durante todo os meses do estágio no exercício docente. Estágio este que mudou meu modo de enxergar os conteúdos trabalhados em sala de aula, já que a idéia geral da educação é fazer com que os alunos assimilem todas as coisas estudadas na escola, nada melhor do que trazer esses conteúdos à sua realidade, apresentado a importância de se conhecer e como aplicá-los às necessidades do cotidiano do aluno. Espero mudar um pouco seu modo de enxergar agora os conteúdos, especialmente os de Geografia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O que é Geografia Escolar?

2.2 Disciplina Escolar

Antes de discutirmos a temática relacionada à Geografia escolar, é preciso que façamos uma indagação sobre o conceito de disciplina escolar, já que a Geografia faz parte das várias disciplinas existentes na escola. Essa questão é bastante polêmica, suscitando conflitos entre estudiosos da área educacional, especialmente pesquisadores franceses e ingleses no que se refere a natureza e constituição do conhecimento escolar (BITTENCOURT, 2004).

Segundo a autora citada, os estudiosos tem se voltado para problemas epistemológicos enfrentados pelas escolas tais como a aprendizagem e apreensão de conceitos, os critérios para a seleção dos conteúdos e métodos de ensino, as formas pelas quais os alunos interagem com o conhecimento adquirido por intermédio das mídias, entre outros.

Baseado nos estudos do pesquisador Yves Chevallard, a escola é vista como reprodutora dos conhecimentos produzidos na academia e a disciplina é vista como “transposição didática”. Esse autor usa o termo “noosfera” para designar os elementos responsáveis por essa transposição como, técnicos educacionais, autores de livros didáticos, etc:

Chevallard entende ser a escola parte de um sistema no qual o conhecimento por ela produzido se organiza pela mediação da “noosfera”, conceito correspondente a conjunto de agentes sociais externos à sala de aula- inspetores, autores de livros didáticos, técnicos educacionais, família. Esses agentes garantem à escola o fluxo e as adaptações dos saberes provenientes das ciências produzidas pelas academias (BITTENCOURT, 2004, p.36).

Sendo assim, o ponto de vista da ‘transposição didática’ em relação aos conteúdos e métodos de ensino e aprendizagens estabelece:

No que se refere aos conteúdos métodos de ensino e aprendizagem, identificam uma separação entre eles, entendendo que os conteúdos escolares provêm direta e exclusivamente da produção científica e os métodos decorrem apenas de técnicas pedagógicas, transformando-se em didática (BITTENCOURT, 2004, p.37).

Já para outros pesquisadores como o inglês Ivor Goodson e o francês André Chervel, a disciplina escolar não se constitui pela simples “transposição didática”, mas antes é formada por intermédio de uma teia de outros conhecimentos, havendo definições mais complexas entre as duas formas de conhecimento, o científico e o escolar. Bittencourt (2004) ressalta ainda, em suas pesquisas que, o conhecimento escolar não está limitado apenas as considerações de ordem epistemológicas, mas também como agente ativo para desempenhar poder em determinados setores da sociedade.

A compreensão da disciplina escolar relaciona-se ao papel do conhecimento como instrumento de poder de determinados setores da sociedade destaca a autora supracitada:

O crítico mais contundente de concepção de ‘transposição didática’, André Chervel, define a disciplina escolar como entidade epistemológica relativamente autônoma (...), onde, é preciso deslocar o acento das decisões, das influências e de legitimação exteriores à escola, inserindo o conhecimento por ela produzido no interior de uma cultura escolar. As disciplinas escolares formam-se no interior dessa cultura, tendo objetivos próprios e muitas vezes irredutíveis aos das “ciências de referência”, termo que Chervel emprega em lugar de conhecimento científico (BITTENCOURT, 2004, p.38).

A medida que Chervel afirma que a disciplina escolar tem autonomia, não descarta a lógica que a mesma obedece uma lógica influenciada por agentes internos e/ou externo superiores. Todavia, a disciplina deve ser considerada como lugar de produção de um saber próprio. Bittencourt (2004), destaca no pensamento de Chervel em relação as disciplinas escolares, tendo as mesmas um próprio saber baseado na cultura escolar. Sendo assim as disciplinas escolares não podem ser consideradas simplesmente como “metodologias”:

Em decorrência da concepção de escola como lugar de produção de conhecimento, as disciplinas devem ser analisadas como parte integrante da cultura escolar, para que se possam entender as relações estabilizadas com o interior, com a cultura geral da sociedade. Conteúdos e métodos, nessa perspectiva não podem ser entendidos separadamente, e os conteúdos escolares não são vulgarizados ou meramente adaptações de um conhecimento produzido em ‘outro lugar’, mesmo que tenham relações com esses outros saberes ou ciência de referência (BITTENCOURT, 2004, p.39).

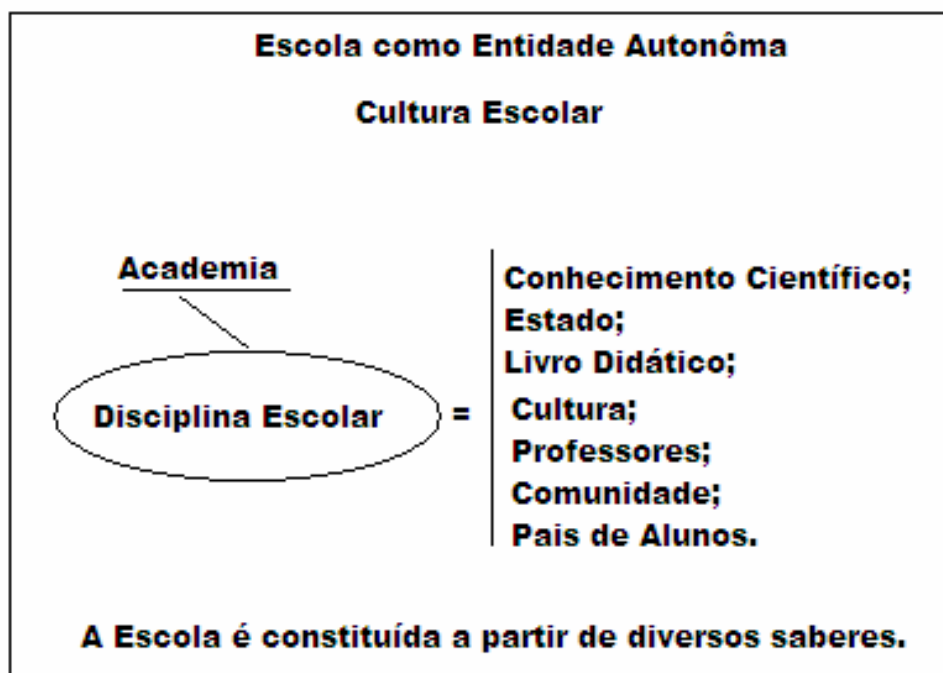


Figura 1 Esquema da cultura escolar segundo a concepção de Goodson e André Chervel
 Fonte: Patrícia Gomes, explicações de sala de aula, ano de 2010.

Na concepção dos pesquisadores Goodson e Chervel, o saber escolar é constituído também pelo conhecimento acadêmico, mas diferenciados em seus elementos formadores e objetivos a serem alcançados. E que sofre influência de toda uma estrutura cultural de crenças, usos, costumes e mitos vindas do sistema social, onde estão inseridos o poder do Estado, Comunidade, etc. Logo abaixo veremos os elementos constituintes das disciplinas que, formam uma unidade que caracterizam o saber escola:

- a) *As finalidades de uma disciplina escolar* – essencial para garantir sua permanência no currículo; caracterizaram-se pela articulação entre os objetivos instrucionais (mais específicos) e os objetivos educacionais- formação intelectual e cultural (instrução para dominar);
- b) *Conteúdos de instrução* – obedecem os objetivos educacionais definidos mais amplos. As disciplinas tendem sempre a mudanças, de modo que atendam diferentes públicos escolares e respondam às suas necessidades sociais e culturais inseridas no conjunto da sociedade (conteúdo crítico);
- c) *Conteúdo explícito* – conhecimento organizado articula conceitos, informações e técnicas consideradas fundamentais. Organizadas geralmente por temas específicos e apresentados em planos sucessivos, conforme os níveis de escolarização (séries e ciclos).
- d) *Metodologia (métodos de ensino e de aprendizagem)*- este componente articula inteiramente com os conteúdos, pois os mesmos são apresentados ao público por intermediário de diferentes métodos, indo de aula expositiva até o uso de livros didáticos ou da informática.
- e) *Avaliação* – atividades essenciais para se ter controle sobre o que é ensinado ou aprendido pelo aluno (BITTENCOURT, 2004, p. 41 - 43).

2.2.1 Retrospectiva histórica sobre o ensino de Geografia no Brasil

A educação escolar no Brasil iniciou-se no período colonial a partir dos padres da Companhia de Jesus no período Colonial, conhecidos também como Jesuítas, que tinham objetivos missionários de catequizar os nativos. Após sua instalação no território brasileiro, os jesuítas organizaram um sistema escolar em meados do século XVI, sancionaram um plano de estudo conhecido por *Ratio Ataque Institutio Studiorum Societatis Iesu*. Destaca Pessoa (2007, p.30) a partir da institucionalização dessa lei, os colégios presentes no Brasil passavam a ser regidos pelas regras de organização dos jesuítas.

De início, a Geografia trabalhada pela Companhia de Jesus era interligada a aprendizagem da leitura, baseada em versões e comentários de conhecimentos geográficos autores clássicos ressalta Pessoa (2007). Durante todo o período de monopólio dos jesuítas, cerca de mais de duzentos anos, a Geografia não teve vez nem voz nas escolas enquanto disciplina escolar. Pessoa (apud Rocha 1996, p.136) afirma:

[...] não interessou aos jesuítas, até por causa de seu currículo internacionalista falar em suas aulas de uma Geografia brasileira [...] o ensino se propunha a falar de Geografia produzida por outros povos, característica tão marcante assumida por esta disciplina no Brasil.

Segundo Pessoa (2007), só a partir de 1832 que a Geografia passa a fazer parte do currículo apresentado *Ratio Studioru*. Instalou-se no Brasil um sistema educacional moldado nos padrões europeus, onde ao ensino de Geografia nesse período, oferecia uma cultura geral aos alunos gerada apenas na descrição e enumeração de fatos naturais.

No século XIX, mais precisamente no ano de 1817, surge a *Chorographia Brasilica* editada pela Imprensa Régia, de autoria do Pe. Manuel Aires de Casal. Este livro, segundo Pessoa (apud Caio Prado Junior, 1961) é um livro que apresenta uma Geografia extremamente metódica, formada por compartimentos estaques e limitada à enumeração e a simples nomenclatura, ou seja, conhecimentos descritivos e superficiais, constituído por imensos dados informativos de toda natureza, reunidos de forma confusa, acrítica e indistinta.

Durante mais de meio século a *Chorographia Brasilica* serviu como modelo de exemplo a ser seguido para a grande maioria de autores de livros de Geografia, tornando essa, de caráter venerável e profundamente respeitável. E por essa razão os autores que se inspiravam na referida obra receberam por transmissão as graves deficiências conceituais e metodológicas, entre os quais podemos citar o uso excessivo de nomenclatura, a descrição exagerada de fatos, a ausência de explicações e a inexistência completa de mapas (PESSOA, 2007, p.32).

A Geografia de Aires de Casal, ensinada e produzida em nosso país por longos anos, embasa Pessoa (2007), ficaria reduzida e limitada ao caráter enciclopédico, enumerativo e descritivo, sem nenhum espírito crítico.

Já no período do Império, o ensino de Geografia ganha destaque. Com a criação do Imperial Colégio de Pedro II em 1837. A partir desta data a Geografia adquire mais importância na educação formal existente no país, ganhando finalmente sua autonomia. Todavia continua sendo uma Geografia de nomenclatura, subsidiando apenas a entrada dos alunos nos cursos superiores de Direito do Rio de Janeiro.

Depois da sua institucionalização como disciplina autônoma, a forma de ensino permaneceu generalizadamente de memorização. Durante o Império várias manifestações ocorreram protestando a maneira inadequada de se ensinar Geografia; e um dos nomes desses manifestos foi o político e jurista Ruy Barbosa, onde o mesmo classificava a Geografia de forma abstrata, sem análise científica, verdadeiramente um tradicionalismo exacerbado comparado a realidade do aluno. E em uma de suas obras afirma seu repúdio sobre o ensino aplicado nas series iniciais no Brasil:

Praticado assim pelo bordão da rotina, o ensino de geografia é inútil, embrutecedor. Nulo como meio de cultura, incapaz mesmo de atuar duradouramente na memória, não faz senão oprimir, cansar, e estupidificar a infância, em vez de esclarecê-la, e educá-la (PESSOA, 2007 apud BARBOSA, 1946, p.307).

Em todo o seu decorrer imperial, o ensino de Geografia sofreu raras modificações, prevalecendo sua modelagem conceitual e metodológica tradicionalista, de fato só sofreu alterações no final do século XIX, com influência de Manuel Ali Ida, em que o mesmo rompeu a nomenclatura de Casal, inaugura então a orientação moderna em Geografia, adentrando na Geografia Científica de Humboldt e Ritter, com o objetivo de agora se empreender uma regionalização do Brasil.

Chegando ao período Republicano, a Geografia escolar passa por várias reformas, afirma Pessoa (2007), num total de cinco, em que se buscava encaixar a disciplina dentro de um determinado tempo de duração para o ensino secundário, entre diminuições e acréscimos na carga horária ao logo da Republica Velha, a Geografia moderna continuou com as mesmas características das práticas teórico-metodológicas que foram estabelecidas na época em que se estabeleceu a disciplina no currículo escolar.

Na década de 1920, aprofundaram-se os debates sobre o método dos professores tradicionais (maioria) e a minoria que requeriam reformas urgentes de renovação para o

ensino de Geografia, com seus respectivos conteúdos e metodologias. Nesse período dar-se mais ênfase a discussão acerca do território nacional, para uma consolidação do nacionalismo patriótico:

A função que deveria ser atribuída do professor de Geografia: o catequizador da juventude presente em nossas salas de aula [...] o ensino de Geografia objetivava, ao aluno, uma determinada imagem do território nacional, a “pátria amada brasileira”, patenteada pelas diferenças entre as regiões, mas assumindo, sob a tutela do Estado, um destino desenvolvimentista marcado progresso (PESSOA, 2007, p. 44).

Um dos ícones desse processo de renovação na Geografia escolar brasileira no período foi o professor Delgado de Carvalho:

O professor Carlos Miguel Delgado de Carvalho (1884-1980), um dos primeiros a considerar, no Brasil, o pensamento geográfico moderno, tinha uma formação científica densa, cursou Letras em Lyon na França, ainda neste país fez o curso de Ciências Políticas em Paris, cursou Direito, em Lausanne na Suíça e Economia e Política em Londres na Inglaterra. [...] Delgado de Carvalho fez parte do quadro docente do Colégio Pedro II, como professor de Inglês e logo após também passou a ministrar aulas de Geografia, disciplina pela qual dedicou a maior parte dos seus estudos no Brasil (PESSOA, 2007, p. 46).

Com o pensamento voltado para o mundo moderno, Delgado de Carvalho em suas críticas, nomeou o ensino de Geografia do Brasil de “concepções geográficas tradicionais”. Sobre essa questão, Vlach (2004, p.193), afirma que:

E, pois mais que necessário abolirmos, no ensino da Geografia prática, tudo quanto é nomenclatura, tudo quanto é puramente mnemotécnico, para sé encarar os fatos “em marcha” pode-se dizer, e no seu respectivo lugar. É útil afastar-se, de vez em quando, do quadro habitual das concepções geográficas tradicionais. Até hoje, no nosso entendimento, toda idéia nova, todo progresso da ciência geográfica entre nós, têm sido sacrificados aos moldes antigos, têm sido apresentados em quadro arcaico: os espíritos não são levados a ver a geografia, tal qual ela é.

Destaque para uma frase de Delgado de Carvalho quando diz que, *aqui, quem não sabe nomenclatura não sabe não Geografia*. A fim de mudar esse quadro da questão metodológica para a geografia escolar, Delgado de Carvalho sugeriu abordar nas aulas de geografia, assuntos que comesçassem sempre pelo meio em que vive o aluno, mostrando a realidade que o cercara:

A geografia pátria precisa, por conseguinte, servir de base e de ponto de partida ao estudo de phylosophya e da geologia do globo. Devemos passar mais rapidamente sobre os assumptos que não têm applicações no Brasil; deixemos o estudo mais detalhado das geleiras para os estudantes suissos e o exame circunstanciado dos vulcões aos japoneses e aos equatorianos. Insistamos, em compensação, sobre climatologia tropical, sobre typos de formação littoranea, recifes, etc. Pessoa (apud CARVALHO, 1925, p.7).

Em 1926, juntamente com Everaldo Backheuser (1879- 1951), organizou o primeiro Curso Livre Superior de Geografia, tendo a frente à Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, com objetivo de formar professores da educação primária, para melhor interação com a nova orientação moderna de ensino de geografia, destacando sempre para o sentimento patriótico nos alunos nas aulas. Delgado de Carvalho fundamentou-se nos princípios da Escola Nova, corrente educacional desenvolvida em meados de 1920, que visava a necessidade da criança entender e aprender o conteúdo na prática, ou seja, o “aprender fazendo”; e Delgado propôs mudanças tanto nos conteúdos quanto na forma de ensinar, sempre ligados a pátria.

De fato, Delgado de Carvalho rompeu com a “velha” geografia de nomenclatura, dando ênfase para uma nova geografia, agora, a favor da pátria desenvolvendo o nacionalismo, sendo este modelo oficial de ensino a ser adotado pelo sistema educacional brasileiro, afirma Pessoa (2007, p.50). Nos anos 30 e 40, a Sociedade passa por várias manifestações principalmente pela Revolução de 1930, juntamente com a Era Vargas, resultou importantes transformações no sistema educacional no Brasil.

Dentre tais transformações destaca-se a Reforma Francisco Campos, então ministro da Educação e Saúde, em que objetivou um modelo de educação útil para os alunos nas suas inúmeras situações que a vida prática os condiciona. Destaquemos também que:

Os professores que exerciam suas atividades no ensino de geografia, como também no ensino de outras disciplinas, eram procedentes de outras profissões, como, advogados, engenheiros, sacerdotes, etc [...]. (PESSOA, 2007, p.52 apud FILHO, 1929; ROCHA, 2000, p.132).

Pessoa (2007), nos esclarece que através do decreto nº 19.851, instituído em 11 de abril de 1931, deu-se um novo aspecto ao ensino de nível superior no Brasil, pelo então ministro Francisco Campos. Foi criado no estado de São Paulo o primeiro estabelecimento universitário sob patrocínio do novo decreto, a Universidade de São Paulo-USP, em 1934; e a Universidade do Distrito Federal, atual UFRJ, no Estado do Rio de Janeiro em 1938. Foram criadas com duplo fim, de desenvolvimento da cultura filosófica e científica e a formação de professores secundários. Todavia, inicialmente o curso de geografia aparece vinculado ao curso de História, constituindo uma única graduação.

A partir da formação destes professores de geografia, se tornou de fundamental importância e consolidação da orientação moderna de ensino presentes nas salas de aula, sem esquecer do importantíssimo papel do surgimento da Associação dos Geógrafos Brasileiros

(AGB) em 1935, onde o desenvolvimento e divulgação de pesquisas científicas a favor da geografia brasileira eram distribuídas em seus periódicos na difusão das novas concepções metodológicas.

Também neste período o ensino de geografia passa por uma reforma que deu ainda mais propagação do nacionalismo nas escolas brasileiras, a reforma Gustavo Capanema, destacando por sua vez, o professor Aroldo Azevedo, que ressaltou a idéia nacionalista em seus livros didáticos, adotados hegemonicamente nas escolas brasileiras, especialmente nas décadas de 1940 a 1970. Este modelo de ensino de geografia resultou segundo Pessoa (2007), em uma metodologia funcionalista, positivista, sem compromisso em estabelecer relações entre ciência e a realidade acerca da sociedade, abstraindo do homem o que ele tem de mais importante, seu caráter social.

Todavia, por todas as reformas que já passara o ensino de geografia no Brasil, continuava-se sua postura metodológica tradicional:

A geografia ensinada ainda conservava os preceitos da memorização, da exaltação das paisagens, caracterizando o espaço, a ação do homem e a economia como elementos desarticulados, sem nenhuma preocupação em relacioná-los (PESSOA, 2007, p.58).

Em meados no século XX, tornaram-se ainda mais frequentes os debates sobre a questão tradicionalista no ensino de geografia. Esses debates iniciaram-se, principalmente na França e nos Estados Unidos, tais discussões chegaram ao Brasil a partir das décadas de 1960 e 1970, a partir de diversas críticas feitas à Geografia praticada nas escolas. Buscava-se uma nova prática de ensino, com nova visão geográfica, para se entender a realidade da sociedade e suas constantes transformações e inter-relações a partir do contexto da época.

Esses debates caracterizam-se como Geografia Crítica, onde o papel do professor muda completamente comparado a geografia tradicional, nesta corrente o professor aprende ensinando, é um construtor, ou seja, ele não ensina, mas ajuda os alunos a aprender. Geografia esta que deveria estar presente nos dias atuais, objetivando formar cidadãos ativos e participantes, questionadores e capacitados para (re)construir direitos, e respeitadores das diferenças presentes na sociedade. Afirma Visentini em um de seus inúmeros artigos sobre Geografia Crítica.

2.2.2.1 A Geografia escolar e suas novas metodologias de ensino

Após essa discussão sobre alguns pontos que compõem a história da disciplina escolar geografia e do esclarecimento sobre as dinâmicas diferenciadas da Geografia Escolar em relação a Geografia Acadêmica, fica claro para nós professores, que realmente, o cotidiano escolar denominado por Goodson e Chervel de cultura escolar, que o ensino de geografia na escola não é só apenas uma mera reprodução do conhecimento científico em sala de aula. Mas sim o professor juntamente com o educando pode produzir saber, principalmente nas atividades educativas do cotidiano escolar.

Observemos também que hoje estamos vivendo num mundo totalmente globalizado, interligado, que interage simultaneamente com dezenas de nações, costumes e etnias, informações diversas, cabendo, pois a Geografia um papel mais do que importante, fundamental para se entender e questionar fenômenos naturais e/ou sociais através dos tempos e do mundo atual.

Sobre essa questão Cavalcanti (2008) ressalta que:

As concepções teóricas da Geografia no mundo contemporâneo, é necessário antes levantar alguns aspectos relevantes que caracterizam esse mundo. O primeiro deles é o fato de que o mundo hoje é globalizado, [...] que afeta múltiplos campos: cultural, tecnológico, social, econômico, [...] um fenômeno que obriga a considerar a interdependência de escalas, já que nele ocorre a construção de espaços de relação mais integradas que estão profundamente inter-relacionadas o local, o regional e o global (CAVALCANTI, 2008, p.15).

Assim a Geografia Escolar atual torna-se uma ponte de ligação entre o aluno e o mundo que o cerca. Depois de tantas reformas teórico-metodológicas na busca pela independência como ciência, a Geografia por muitas vezes denominada disciplina da memorização, ganha hoje nova perspectiva segundo Cavalcanti (2008, p.19):

A Geografia busca, assim, estruturar-se para ter um olhar mais integrador e aberto, às contribuições de outras áreas da ciência e às diferentes especialidades em seu interior: um olhar mais compreensivo, mais sensível às explicações do senso comum, ao sentido dado pelas pessoas para suas práticas espaciais.

Na discussão em relação à concepção do ensino de geografia no Brasil de outrora, a autora citada resgata fatos já abordados nas páginas anteriores, porém é de suma importância mencioná-los, principalmente no que se refere aos avanços na geografia escolar a partir de 1980, em que se destaca o “movimento da renovação da geografia”.

Já na década de 1990, o contexto sociopolítico, científico e educacional estimula uma necessidade de ampliação dos referenciais interpretativos da realidade, forçando assim a geografia escolar buscar novos caminhos na investigação sobre o ensino de geografia, e as orientações para o trabalho docente. E desses estímulos para novas investigações dessas questões foi dado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), propondo em seus livros e artigos periódicos orientações com vista à alterações das práticas de ensino pautadas da geografia tradicional. Essas mudanças acabam por repercutir nos livros didáticos mais recentes, em livros acadêmicos e em diversas diretrizes curriculares, a exemplo temos os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCN (CAVALCANTI, 2008, p.19).

Conforme Cavalcanti (apud GOODSON, 1990), as tantas polêmicas entre ser reprodutor ou não do conhecimento, cabe ao professor desenvolver seu trabalho com fundamentação teórico-científico, todavia não de forma mecanizada e repetitiva, se não de nada valeria todas as reformas que o ensino enfrentou e suas metodologias. O professor tem o privilégio e ao mesmo tempo a responsabilidade de instruir seres pensantes e informá-los do seu papel perante a sociedade. Estabelece um equilíbrio entre conhecimentos acadêmicos e movimento autônomo dos processos e práticas escolares, além de outras instâncias que influenciam no processo da Geografia Escolar, levando o professor a uma posição de sujeito, com relativa autonomia e acentuação ao senso crítico.

Vejamos algumas considerações em relação ao fato do equilíbrio anterior:

A geografia escolar não se identifica com a geografia acadêmica, ainda que não possa dela se distanciar; ela é sua referência fundamental, é fonte básica de sua legitimidade; a geografia escolar não é geografia acadêmica estruturada segundo critérios didáticos e psicológicos [...], com base nesses critérios, constrói-se o saber geográfico a ser ensinado, estabelecido em curso de formação acadêmica, nas diretrizes curriculares, nos livros didáticos; o que ainda não é geografia escolar (CAVALCANTI, 2008, p.28).

Fica assim estabelecido na afirmativa da autora citada: a Geografia Escolar é o conhecimento geográfico efetivamente ensinado, efetivamente veiculado, trabalhado em sala de aula, sendo assim:

[...] A geografia escolar não se ensina, ela se constrói; ela se realiza. Ela tem um movimento independente, realizado pelos professores e demais sujeitos da prática escolar que tomam discussões sobre o que é ensinado efetivamente. Assim a escola é e pode ser importante espaço para promover a discussão e a avaliação desse conhecimento, [...] deve-se conhecer a geografia escolar para submetê-la à análise crítica, compreendendo seus fundamentos, suas origens; análise a ser feita pelo conjunto de professores (CAVALCANTI, 2008, p.28)

Tendo por objetivos alcançar, nas práticas vividas em sala de aula, alicerçadas e fundamentadas nos conhecimentos científicos, uma visão no aluno para que ele aprenda geografia não apenas para assimilar informações geográficas, mas para formar um pensamento espacial abrangente e consciente dos conhecimentos aplicados a disciplina, tais como: paisagem, lugar, região, natureza, sociedade e território; relacionando o aluno com o mundo, e o mundo aos seus conceitos cotidianos, ou seja, seu espaço local. Relacionar os conteúdos postos no livro didáticos para o cotidiano do aluno objetivando alcançar:

- Uma atitude indagadora diante da realidade que se observa e se vive cotidianamente;
- Uma capacidade de análise da realidade, de fatos e fenômenos, em um contexto socioespacial;
- Diferenciar os objetos estudados nas suas inserções locais e globais, considerando sua escala;
- Considerar a multiplicidade de perspectivas e tipos de conhecimentos;
- Compreender que conhecer é construir subjetivamente a realidade;
- Percepção para temas polêmicos;
- Compreensão de que os fenômenos, os processos e a própria geografia são históricos;
- Ter convicção de que aprender sobre o espaço é relevante, na medida em que é uma dimensão construtiva da realidade (CAVALCANTI, 2008, p.35).

Baseados nos objetivos a serem alcançados pela geografia escolar, surgem sempre indagações a serem esclarecidas tais quais, *como ensinar Geografia de forma objetiva? Como interagir conteúdos complexos de forma prazerosa? Como chamar a atenção dos alunos para o tema trabalhado?*

Como está sendo discutido desde o início deste capítulo, a forma da geografia se manifestar no decorrer dos tempos, influencia e muito nas suas metodologias, e nestes estudos concluímos que, a geografia escolar diferencia-se da geografia acadêmica. Todavia buscam construir juntamente com os elementos escolares, aluno, professor e matéria, uma relação sujeito (aluno) e espaço.

Em relação ao ensino de geografia afirma Cavalcanti (2008, p.48),

O ensino é um processo dinâmico que envolve três elementos, fundamentais: o aluno, o professor e a matéria. Os três elementos estão interligados, são ativos e participativos, sendo que a ação de um deles influencia a ação dos outros. O aluno é sujeito ativo que entra no processo de ensino e aprendizagem com sua “bagagem” intelectual, afetivo e social, e é com essa bagagem que ele conta para seguir no seu processo de construção; o professor também sujeito ativo no processo, tem o papel de medir as relações do aluno com os objetivos de conhecimento; a geografia escolar é considerada no processo como uma das mediações importantes para a relação dos alunos com a realidade.

E a realidade atual, gera em torno de um sistema global, onde informações mútuas chegam numa velocidade exacerbada, diminuindo consigo as diferenças sociais, não em relação a padrões econômicos, mas em relação as etnias, surgindo uma cultura universal. Cavalcanti (apud ESTÉBANEZ, 2006) informa que não se pode falar de globalização como um processo completo e homogêneo, pelo contrário, trata-se de um processo muito complexo e diversificado, no qual participam muitos países, mas de forma desigual.

Por esta razão de estarmos num mundo globalizado, o profissional da área de educação deve se adequar para saber fazer a diferença nesta nova realidade cultural, onde:

Destacam-se os papéis da informação do conhecimento, quando uma sociedade informacional, com características como: a informação como matéria-prima; a capacidade de penetração dos eleitos das novas tecnologias; a lógica da interconexão de todo o sistema de relações; a configuração em rede; a flexibilidade dos processos; a convergência crescente de tecnologias, [...] por sua vez, a educação geográfica escolar, leva em conta que os interesses, as atitudes e as necessidades sociais e individuais dos alunos mudam em decorrência dessa nova realidade espacial (CAVALCANTI, 2008, p.43).

Cabe ao professor mediar as relações entre conhecimentos científicos e aluno paralelamente com o cotidiano, prática esta fundamental para a sociedade atual. Nesse sentido o trabalho do professor deve estar voltado para a aprendizagem geográfica, para tornar possível o processo cognitivo dentro do ensino de geografia.

O trabalho do professor consiste, pois em tornar possível a aprendizagem do aluno. Isso significa que o sujeito central do ensino é o aluno com seu processo cognitivo, e o papel do professor é o da mediação. O ensino é um processo de conhecimento pelo qual o aluno é mediado pelo professor. O professor, nessa mediação encaminha esse processo com base em suas concepções teóricas e metodológicas a respeito de como ele deve ocorrer. O trabalho da mediação “didática” do professor é, portanto, o de propiciar a atividade cognitiva do aluno, por meio de um encaminhamento metodológico, para que esse aluno construa conhecimento e desenvolva capacidades e habilidades cognitivas (CAVALCANTI, 2008, p.59).

A citação acima faz-me lembrar de uma frase comum em nosso meio educacional que diz: “*o professor é o agente transformador da sociedade*”. Visto que cabe ao professor instruir o aluno a refletir e ser crítico em relação aos conteúdos abordados em sala de aula, e especificamente, familiarizar o ensino geográfico, com a realidade que os cerca como um campo de estudos, onde o professor através de seus métodos de ensino relaciona os fenômenos geográficos com a ação do homem, construindo neles, habilidades capazes de compreender a interligação mundial.

A geografia do século XXI é uma ciência no “plural”, uma ciência que interage com outras ciências em prol do conhecimento abrangente relacionando-os com o cotidiano local, nacional e internacional, em uma diversidade complexa. Para melhor compreensão do papel docente, Kaercher (2007, p.16), trata a questão da prática de ensino geográfico com diversos modelos de como aplicar o conhecimento geográfico com o aluno de maneira prazerosa e consciente, aumentando assim a interação professor/aluno e conhecimento:

O professor necessita, obviamente de modelos para guiar a caminhada [...] uma prática que ultrapassa em muito uma mera racionalidade [...]. A geografia é um pretexto para pensarmos em nossa existência, uma forma de *lerpensar* filosoficamente as coisas e as relações e influências que elas têm no nosso dia-a-dia.

O autor aborda o termo *Geograficidade* para uma nova maneira de interação e visão do ensino de geografia, como metodologias divertidas e estimulantes a um “*lerpensar*” no conteúdo estudado, “*converentendersar*” com o mediador dos conhecimentos científicos e com os seus colegas de classe e, “*entenderscobrir*” suas capacidades de conhecimentos mergulhados no senso comum, que agora sendo estimulado pelas práticas prazerosas de se entender o espaço geográfico relacionado com seu cotidiano.

Algumas metodologias a seguir nos mostrará que o método tradicional de se ensinar geografia só nos esclarece uma coisa: *que o seu método deve ser mudado*, principalmente sua função na construção do conhecimento.

Vejamos quais são elas:

Colagem com música - o trabalho com imagens em geografia é tão importante quanto o trabalho com mapas, e ambos, geralmente, são pouco usados. Desde fotografias que mostram paisagens, que não sofreram ações dos seres humanos, até as que representam obras feitas por eles - como prédios, plantações, fábricas, favelas, meios de transporte, máquinas – todos podem ser interpretadas pela geografia, já que a questão musical, é interessante trabalhar as músicas que eles escutam no seu cotidiano para uma leitura de melhor compreensão;

Setores tecnológicos e setores tradicionais da economia e a influencia das indústrias na sua vida - fazer um levantamento dos produtos consumidos no país e seus respectivos fabricantes com suas nacionalidades; logo será percebido a forte presença de empresas multinacionais na nossa economia. A partir dessas informações, podem-se discutir as relações internacionais, a divisão do trabalho ou o poder da tecnologia;

Quem sou eu? quem somos nós? Cartografias pessoais - a idéia é de obter mais informações sobre a turma, buscar e trocar esses dados de forma divertida, mas que permitam ganhos com a geografia a partir da seguinte reflexão pessoais: que lugar eu ocupo no espaço? (KAERCHER, 2007, p.17; 22; 24).

Em sua conclusão esse autor frisa: “*nós professores, precisamos da imaginação e da fantasia!*” Kaercher (2007, p.32). Independente de dar certo ou não suas tentativas de reverter o quadro da monotonia escolar, depende individualmente de cada professor tentar, mas que

tenham sempre a consciência de aplicarem as metodologias em prol da produção do conhecimento, uma atividade de descobertas, em que, segundo Kaercher (2007), gera sempre novas questões e interesses da turma para o conteúdo. Todavia se o professor não estiver capacitado para tal metodologia, de pouco valerá os “sacrifícios” de quaisquer atividades.

Cavalcanti (2008), também contribui para uma melhor forma de metodologia visando que, nesses primeiros anos do século XXI, algumas preocupações teóricas têm resultado em indicações para a prática de ensino de geografia, onde podemos destacar:

Reafirmação do lugar como dimensão espacial importante: o lugar é a vida cotidiana; [...] o lugar passou a ser visto como referência necessária, como escala de análise dos conteúdos de ensino, o ensino de geografia passou a ter como objetivo relevante estudar o lugar para compreender o mundo Cavalcanti (apud CALLAI, 1999, 2001, 2003).

A citação traz consigo a importância que se tem de partir do particular para o geral, para uma melhor compreensão, lembrando-nos assim o método indutivo, onde no caso, busca-se compreender espaço vivido local.

Baseado nesta afirmação Cavalcanti (apud VYGOTSKY, 1984), ressalta os conceitos geográficos, que devem estar relacionados entre o cotidiano, as mediações pedagógicas e formação de conceitos no desenvolvimento de ensino e aprendizagem; tendo visto que o professor fique sempre alerta para os conhecimentos cotidianos dos alunos.

Por fim, a incorporação de outras formas de linguagens, novos meios inseridos no auxílio do ensino e aprendizagem como o cinema, a música, a literatura, as charges, a internet. Cavalcanti (2008, p.33), esclarece as vantagens oferecidas pelas inovações desta sociedade contemporânea:

[...] a escola e o ensino de geografia mantém sua atualidade como espaço onde se desenvolve a trabalho com o saber, com a cultura em busca do crescimento intelectual de seus alunos. Seu papel nesse sentido, é aplicar o uso de procedimentos da manifestação dos sujeitos, de sua diversidade e do processo de significação de conteúdos, incluindo a música, a literatura, o cinema, a cartografia, o estudo do meio, os jogos de simulação.

Todos esses meios e recursos para uma melhor compreensão e desenvolvimento na questão do ensino e aprendizagem do aluno. Faz-se necessário hoje, não apenas para deixar a escola mais atrativa, mas também para utilizar tamanha variedades de recursos tecnológicos que podem servir para a leitura da realidade impostas pela sociedade atual. Resultando dessa forma melhor interatividade dos conteúdos com os alunos e desenvolvendo neles senso crítico

e habilidades de pessoas conscientes de seus atos nos direitos e deveres, sendo essa a real finalidade da escola, formar cidadãos.

2.3 O Urbano como Possibilidade de Aprendizado Geográfico

No mundo atual, o urbano expressa a realidade que a sociedade se encontra: modernidade, tecnologia de ponta, grandes infra-estruturas, todas essas inseridas num único objetivo, a praticidade, sinônimo do século XXI, onde a maioria da população hoje, encontra-se na zona urbana. Consequentemente essa população habita nas cidades, que segundo Cavalcanti (apud CARLOS, 1992), a cidade é uma aglomeração de pessoas (habitantes e visitantes) e objetos (casas, ruas, prédios), onde está fundamentada nas ações humanas através das suas funções e formas gerando características próprias em um determinado período histórico, descrito nas suas chamada por Milton Santos de “rugosidades”, nas paisagens urbanísticas.

Nesse sentido, de articulação com o meio social, o homem produziu possibilidades para suprir as necessidades do seu cotidiano, onde resultou um espaço dinâmico e fluente, o espaço urbano. E para compreender essa dinâmica articulada do espaço, a Geografia traz em si categorias de análise especializadas em buscar conhecimentos do espaço vivido, o globo terra:

A Geografia é uma das ciências que se têm dedicado à análise da cidade e da vida humana. Como ciência social, ela o faz pela perspectiva social, porém com um determinado enfoque. A Geografia é uma leitura, uma leitura determinada da realidade. É a leitura do ponto de vista da espacialidade. Seu objeto de estudo é o espaço geográfico (CAVALCANTI, 2008, p.64).

Espaço este que, através dos tempos foi sendo modificado conforme as necessidades surgidas na convivência do cotidiano dos indivíduos. Moreira (2007), aborda nove etapas de tais transformações:

a) O Primeiro Espaço- A Modificação do Espaço Natural; (...) b) O Segundo Espaço- O surgimento das cidades; (...) c) O Terceiro Espaço- A Organização do espaço e sua divisão por terras: As Propriedades; (...) d) O Quarto Espaço- O Surgimento do Urbano; (...) e) O Quinto Espaço- O Espaço se adequando ao estilo do homem, alterando o equilíbrio ambiental; (...) f) O Sexto Espaço- O Início da modernidade, Revolução Industrial; (...) g) O Sétimo Espaço- Globalizando o espaço; (...) h) O Oitavo Espaço- A Homogeneidade Cultural das paisagens e das sociedades; (...) i) O Nono Espaço- A Era da Biorrevolução (MOREIRA, 2007, p.41 - 56).

Na mesma linha de pensamento, Andrade (1999), na sua concepção de espaço, define-o como um processo da ação do homem, onde o mesmo transforma o espaço natural e cria um espaço artificial, produzido pela sociedade de acordo com o nível de desenvolvimento técnico e com os sistemas econômicos e sociais dominantes.

O espaço geográfico é artificial produzido pela sociedade de acordo com o nível de desenvolvimento e com os sistemas econômicos e sociais dominantes; ele é produzido visando alcançar determinados fins, àqueles que interessam o sistema ou a formação econômica social dominante (ANDRADE, 1999, p.28).

Alicerçado nas ações da sociedade baseadas no sistema econômico em seus diversos níveis, Milton Santos afirma que:

O espaço deve ser considerado como um conjunto de relações através de funções e formas que apresentam como testemunha de uma história escrita por processos do passado e do presente. Isto é, o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos que se manifestam através de processos e funções. O espaço é, então, um verdadeiro campo de forças cuja aceleração é desigual (SANTOS, 2004, p.153).

Baseado nesta citação partimos para a importância de se discutir em sala de aula tais formas e funções que o espaço urbano apresenta perante a sociedade, e como se dá essa relação inseparável. Pois as formas são reflexos das funções existentes no meio social, ou seja, o espaço não acontece sem a sociedade, e a sociedade não evolui sem espaço. Todavia cada espaço produz suas peculiaridades, diferenciando de região para região, embasando uma identidade própria de um determinado lugar. Onde Cavalcanti (2008), vai descrever lugar juntamente com um elemento importante, a identidade, que resulta na relação do indivíduo com o espaço construindo assim familiaridade, afetividade, seja no bairro, ou uma área. Concluindo assim sua definição de lugar:

O lugar, é, portanto, o habitual da vida, mas, por outro lado, também é por onde se concentram relações e processos globais. O lugar produz-se na relação do mundo com o local, que é ao mesmo tempo a possibilidade de manifestação do globo e de realização de resistência à globalização (CAVALCANTI, 2008, p.50).

Dentre tais formas (infra-estrutura) e funções (sociedade), cada local destaca-se em alguma área peculiar, sendo favorecida pelas características naturais, caso da agricultura ou não, como as cidades polo industriais. Nesse sentido, cabe ressaltar o conceito de cidade, que nada mais é do que a representação da sociedade transfigurada num espaço concreto, onde

desenvolve-se funções diversas para suprir as necessidades do cotidiano, como serviços de saúde, educação, alimentação, transporte, e moradia.

Segundo Carlos (2001), a cidade não é essencialmente algo não definitivo, não pode ser analisada como um fenômeno pronto e acabado, pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico:

A cidade é uma realidade humana, uma criação que vai se construindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações específicas. (...) A cidade, em cada uma das diferentes etapas do processo histórico. Assume formas características e funções distintas. (...) pode-se dizer a princípio, que a cidade nasce da necessidade de se organizar em um dado espaço no sentido de integrá-lo e aumentar sua independência visando determinado fim. Isto é, a sobrevivência do grupo no lugar e o rompimento do isolamento das áreas agora sob sua influencia (CARLOS, 2001, p.57).

Definida e estruturada, a cidade ganha dinamismo nas suas mútuas funções, alterando assim suas formas na sua incessante transformação do espaço. Visto por Corrêa (2005, p.145), como um conjunto de seis características complexas:

[...] fragmentado e articulado, reflexo e condicionante sociais, um conjunto de símbolos e campo de luta. É assim a própria sociedade de uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais.

A cidade passa a ser atrativa para a nova massa populacional, onde emprego e renda são sinônimo de prosperidade e bem-estar, para ex-camponeses, agora operários ou autônomos terceirizados inseridos no sistema capitalista, oferecendo sua força de trabalho em troca de serem assalariados. E nessa nova situação da população surgem revoluções, movimentos que acarretaram em fenômenos a serem discutidos e analisados como exemplo a Migração Populacional. Fenômeno este que movimenta e dinamiza as cidades nas dimensões sociocultural, política e econômica desde a Primeira Revolução Industrial.

2.3.1 Migração populacional: destaque para o fenômeno movimento pendular no município de Guarabira-PB

Neste trabalho, a Migração Populacional ganha destaque a partir dos fenômenos ocorrentes na sociedade guarabireense, onde o Movimento Pendular sobressai como nosso objeto de estudo incluído no Ensino de Geografia. Sendo este um fenômeno subdividido, surgido a partir das necessidades locais de cada região. No caso da Microrregião de

Guarabira, destaquemos o fluxo migratório pendular dos estudantes dos municípios circunvizinhos do município de Guarabira.

Segundo Silva (1999, p.01), Migração é o movimento de pessoas que se processa dentro de um mesmo país, apresentando várias modalidades; *Migração Inter-regional, Migração Intra-regional, Movimentos Pendulares e Êxodo Rural*. Como já foi mencionado no parágrafo anterior, o Movimento Pendular é o tipo migratório que aparece claramente no cotidiano da cidade de Guarabira, por estar entre as maiores e mais importantes do estado paraibano. Tamanha é a sua importância estadual embora pertença a Mesorregião do Agreste, foi titulada como a Rainha do Brejo, pelo simples fato de suprir as necessidades básicas das cidades circunvizinhas e também da região brejeira. Considerada também como cidade polo, já que a mesma possui distrito industrial com diversas fábricas de pequeno e médio porte, como indústrias têxteis, alimentícias, e calçadistas.

Guarabira está inserida entre as maiores cidades do Estado da Paraíba, obtendo a oitava colocação na relação das cidades mais populosas do Estado, com cerca de 56.136 habitantes segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, ano de 2009). Oferece assistência nas áreas de serviços bancários, educacionais, hospitalar, industrial e comercial. Sua economia baseia-se no comércio de médio porte a nível de Estado. Possui Campus Universitário, Secretaria de Ensino, de Saúde, Diocese, Fórum, ONGs, enfim, toda uma estrutura visível contida em qualquer cidade em desenvolvimento.

Assim sendo, tais referências chamam a atenção das cidades circunvizinhas, que buscam suprir suas necessidades pessoal e profissional, Guarabira “abraça” cerca de treze cidades (Alagoinha, Araçagi, Belém, Caiçara, Cuitegi, Duas Estradas, Lagoa de Dentro, Logradouro, Mulungu, Pilõezinhos, Pirpirituba, Serra da Raíz e Sertãozinho), destaque para a área educacional, principalmente pela existência do Campus Universitário III, o Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”, que oferece cursos de Licenciatura e Bacharelado. Também encontra-se em Guarabira escolas de nível médio-técnico, como enfermagem e magistério. Mais motivos para tal migração, o Movimento Pendular, pois centenas de estudantes vem e vão diariamente das suas cidades em busca de qualificação nesses cursos. Movimentando não apenas a área educacional, mas também toda a estrutura da cidade, pois transporte e alimentação fazem parte do cotidiano dos estudantes, desenvolvendo o comércio local com enes variedades de suprimentos, e entreterimento

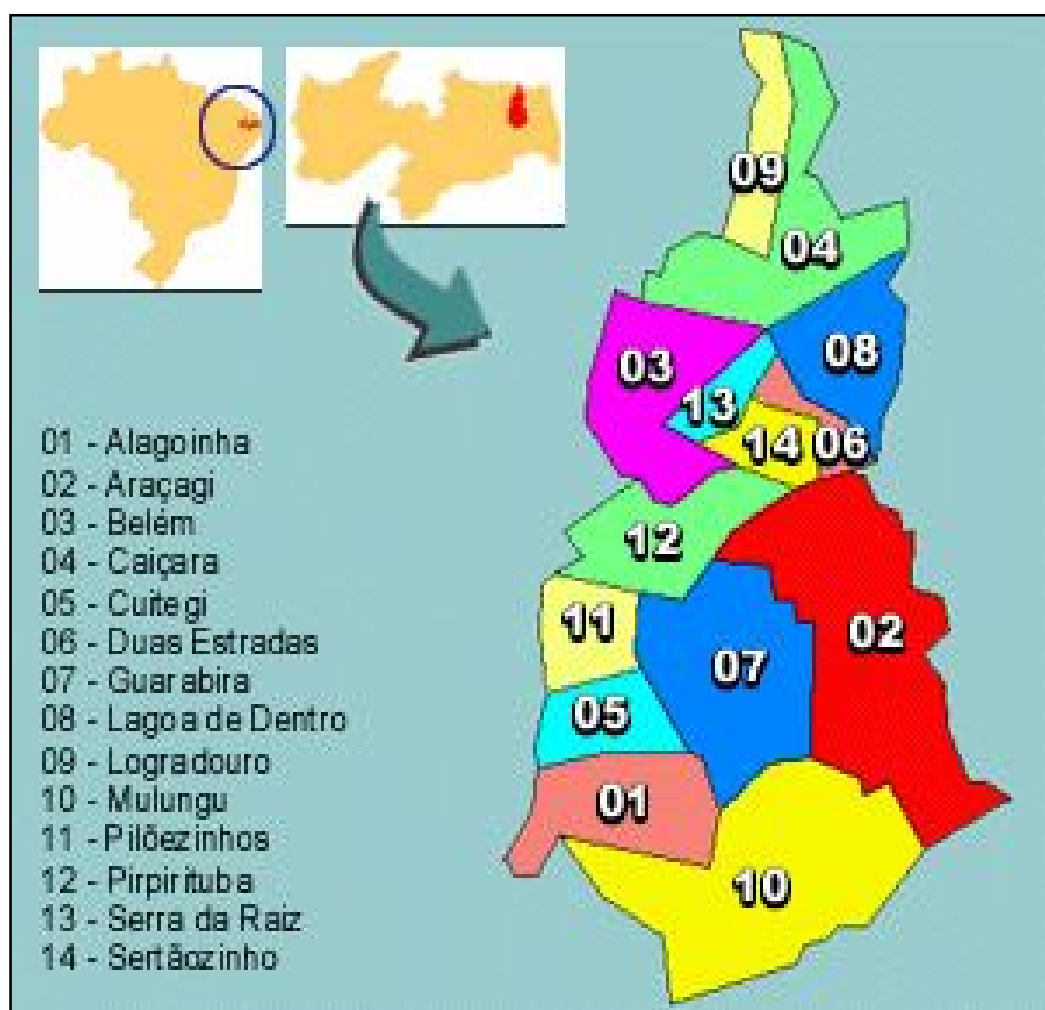


Figura 2 Cidades da Microrregião de Guarabira-PB
 Fonte: Wikipédia, a enciclopédia livre

Baseado neste fato, o movimento pendular, passa a ser um ótimo tema para aplicar em sala de aula, na disciplina de Geografia, despertando a importância do Ensino Geográfico para a compreensão da realidade dos alunos, e como os mesmos estão inseridos nos fenômenos da sociedade local e também global. Gerando conscientização dos direitos e deveres da cada um, já que a escola é uma instituição formadora de cidadãos.

2.3.2 O ensino de Geografia inserido no cotidiano do aluno

Como já vimos no capítulo primeiro, as tendências metodológicas não se apegam mais exclusivamente ao material didático, na forma tradicionalista de ser. Pois o conhecimento não é mais restrito apenas aos mestres, hoje a sociedade têm inúmeros recursos de informações

que, são diariamente atualizados resultante da avançada tecnologia. E se prender apenas aos livros didáticos torna-se hoje desestimulante para qualquer ser moderno, especialmente para a nova geração de alunos que praticamente já nascem digitando em frente a uma tela de computador.

No caso do nosso país, o Brasil é muito vasto em culturas e em realidades diferentes, deixando o livro didático longe de abranger genericamente os conteúdos trabalhados em sala de aula. Bittencourt (2004, p.232) ressalta que o ensino deve partir de propostas como exemplo o método dialético, onde professor e alunos tenham relacionamento amigável e construtor de pensamentos,

[...] método dialético de ensino, é identificar o objeto de estudo para os alunos e situá-lo como um problema (com prós e contras) a ser desvendado com a utilização de análise (a decomposição de elementos), para posteriormente esse objeto voltar a ser entendido como um todo.

A complexidade em que o espaço urbano está inserido impulsiona ainda mais o interesse de se entender essa dinâmica articulada na sua essência. Ou seja, cresce a importância de se compreender as relações da ação humana com o espaço vivido do cotidiano, e os reflexos dessas ações sobre o espaço. Em busca dessa compreensão, do espaço complexo, entra em ação o papel do ensino de geografia juntamente com a escola. Tendo já conceituado o objetivo da escola no meio social, “formar cidadãos”, responsabiliza então a ciência geográfica encontrar meios para tal compreensão, e a geografia escolar para relacionar os conceitos definidos pelos elementos urbanos com a realidade dos alunos:

[...] o objetivo é verificar a relação possível e necessária entre cidade, cidadania e ensino geográfico. Ou seja, investigar as reais possibilidades de a geografia contribuir para a formação de cidadãos voltados para uma participativa em seu espaço, em sua cidade [...] construindo conhecimentos geográficos sobre ela (CAVALCANTI, 208, p.74).

O ensino de geografia dentro da perspectiva de formar cidadãos ativos, insere a importância da cidade como “educadora” em seus valores; com seus sinais, suas imagens e funções distintas. Fazer uma leitura dos objetos encontrados no espaço urbano em prol da responsabilidade de cada indivíduo em seus direitos e deveres de cidadão, desperta a prática para a cidadania e a conscientização da mesma, já que todos têm o direito ao conhecimento.

O ensino de geografia contribui para a formação da sociedade por meio da prática de construção e reconstrução de conhecimentos, habilidades, valores que ampliam a capacidade de crianças e jovens compreenderem o mundo em que vivem e atuam, numa escala organizada com um espaço aberto e vivo de cultura (CAVALCANTI, 2008, p.81).

Essa complexidade presente no fenômeno urbano é crescente e exige, para compreensão um olhar sempre novo, afirma a autora acima citada. E cabe ao ensino de geografia aproximar o indivíduo desse espaço porque o urbano possui uma dinâmica inovadora e inconstante, sempre em busca da expansão sociocultural. No caso das cidades, essa dinâmica é interna, ou seja, articula apenas à produção da vida cotidiana das pessoas que nela vivem e atuam.

Entender a função que cada órgão público ou privado, exerce perante o espaço vivido, a sociedade, torna o conhecimento mais atrativo que, inserido no ensino geográfico valoriza a disciplina da geografia escolar. Cabe a prática docente efetuar de fato atividades que possam relacionar de forma clara e objetiva os conteúdos trabalhados em sala de aula. Infelizmente poucos professores se preocupam com esse quadro, e em muitas vezes “apelam” para a forma tradicional de “transpor” os conhecimentos geográficos:

Na prática, a geografia ensinada não consegue, muitas vezes, ultrapassar ou superar as descrições e as enumerações de dados e fenômenos, como é tradição dessa disciplina. Nessas condições, o livro didático, muitas vezes trazendo um conteúdo padronizado, define o que se vai ensinar, e os professores tratam os termos em si mesmos, sem permitir que sua abordagem sirva para transitar na escala global-local, tendo como foco o local (CAVALCANTI, 2008, p.36).

No ensino de qualquer disciplina fica mais fácil abordar os conteúdos a serem trabalhados, se antes houver uma apresentação da parte do professor e do senso comum dos alunos, assim quebra as formalidades da sala de aula, e o aprendizado torna-se mais viável para todos. E no Ensino de Geografia não é diferente, pois a ciência geográfica ao ser apresentada como meio de pesquisa para se entender o meio em que vivemos, os alunos passam a olhar com “bons olhos”, especialmente quando trazemos conteúdos do livro didático para a realidade local.

Ao abordar tal preocupação com a forma de ensino Visentini (1992), resume em apenas um parágrafo toda a fundamentação de como deve se comportar um professor no seu verdadeiro papel de educador e formador de conhecimento:

O conhecimento a ser alcançado no ensino, na perspectiva de uma Geografia Crítica, não se localiza no professor ou na ciência a ser “ensinada” ou vulgarizada, e sim no real, no meio em que o aluno e professor estão situados e é fruto da prática coletiva dos grupos sociais. *Integrar o educando no meio significa descobrir que pode tornar-se sujeito na história* (VISENTINI, 1992, p.23).

Ou seja, familiarizar os conteúdos com a realidade vivenciada pelos alunos, cria um interesse maior e ganha mais importância para os mesmos, já que vai servir para entendimento dos fenômenos do seu dia-a-dia, podendo ser visível e palpável para quaisquer que seja. Cabe ao professor se adaptar ao novo método e buscar melhor relação com os alunos, com isso o aprendizado melhora e conseqüentemente a compreensão dos fatos reais também.

Devemos ter conhecimento da realidade atual para desenvolver capacidades e habilidades de ler o mundo que nos cerca, já que estamos vivendo a era da informação instantânea, globalizada. Tornar a disciplina uma fonte de atualidades é fundamental, todavia sem perder o foco da ciência geográfica, entender o espaço. Espaço este que todos estão inseridos, sofrendo direta ou indiretamente transformações influenciadas pelo sistema capitalista.

Para concluirmos, utilizar elementos da vida existencial concreta, ou seja, o espaço urbano na dimensão educacional, traz para o ensino de geografia o “poder” de entender e interpretar a dinâmica do meio social e sua estrutura, articulando para fins educacionais. Kearcher (2007, p.32), chama a atenção para o fato de que todos nós, professores e alunos, somos produtores de conhecimento. Podemos ser sujeitos mais ativos e propositivos na busca de novas metodologias.

3 METODOLOGIA

Para o cumprimento do componente curricular Prática Pedagógica IV obrigatório, estagiei nos últimos períodos do curso de Licenciatura Plena em Geografia, no Centro Educacional Osmar de Aquino desde o último semestre do ano de 2009. Uma escola da rede municipal situada na cidade de Guarabira-PB, tanto no Ensino Fundamental II (2009 – turno tarde), quanto no Ensino Médio (Magistério, 2010 – turno noite).

A primeira etapa do estágio supervisionado foi a observação em sala, nas aulas de Geografia por alguns meses, um questionário sócio-econômico e cultural proposto para os alunos responderem baseado no seu cotidiano, foi o objeto deste estudo de caso, para o planejamento da regência. A partir das informações obtidas nas respostas deste questionário ficou mais fácil escolher um tema para se trabalhar nas aulas de acordo com as necessidades da turma.

O tema escolhido para as regências ficou estabelecido baseado na análise dos questionários, onde se destacou o fato da Migração Pendular vivenciado pelos alunos da turma do 2º ano B do Centro Educacional Osmar de Aquino. Como os alunos não possuíam livro didático adotei o livro de Marcos de Amorim Coelho – *Geografia do Brasil, 4ª Ed.* especificamente o capítulo 17, onde ele aborda a temática imigração e migrações internas no Brasil. E também utilizei textos de artigos publicados por especialistas da área como Fausto Brito e M^a das Graças Silva, sobre os fenômenos da Migração Pendular, sendo as regências sempre expositivas.

No término do estágio supervisionado obtive graças ao trabalho de campo, os questionários, um estudo de caso, uma problemática que foi o objeto de estudo de toda a regência na turma do 2º B Turno noite, a Migração Pendular dos alunos. Gerando assim este estudo de caso, em que após várias leituras e discussões sobre Ensino de Geografia, seus Métodos de Ensino e como relacionar os conteúdos do livro didático com a realidade do aluno na sala de aula juntamente com a disciplina de Prática Pedagógica, pude digitar nessas páginas sucintas minha experiência nas regências do estágio supervisionado, resultando neste documento monográfico para a conclusão do curso de Geografia.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Caracterização da Escola Osmar de Aquino



Foto 1 Fachada do Centro Educacional Osmar de Aquino
Fonte: Patrícia Gomes, 2010.

A escola está localizada a Leste da sede guarabireense em um dos bairros mais nobres da cidade, o Bairro Novo, na rua Luiz José de Oliveira nº 58. Próximo a rodovia estadual PB 099 saída para a cidade vizinha Pirpirituba.

Fundada em 1984 na gestão do então prefeito Zenóbio Toscano, o Centro Educacional Osmar de Aquino carrega em sua identidade o título de escola modelo do município guarabireense, sendo a maior escola da rede municipal funcionando nos três turnos onde oferece os níveis Fundamental (manhã e tarde), e Médio (tarde e noite – Magistério). Por ser um modelo escolar, possui uma estrutura física bem elaborada com ginásio poliesportivo, auditório, cantina, biblioteca, laboratório de informática, salas burocráticas climatizadas e doze salas de aula bastante arejadas e de fácil acesso para portadores de necessidades especiais.

A escola traz em seu nome “Osmar de Aquino”, uma homenagem a um dos mais ilustres cidadãos guarabirenses do século XX:

Osmar de Aquino nasceu em Guarabira em 11/12/1916. Fez o curso ginasial no Colégio Diocesano Pio X em João Pessoa e formou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito do Recife-PE. Desde cedo destacava-se nas lutas estudantis como líder que seria na vida pública. Foi advogado de vasta cultura, orador e conferencista, atraía grande público quando se anunciava seu nome em quaisquer eventos públicos, onde falava. Foi eleito prefeito de Guarabira por duas vezes (em 1948 e em 1955). Também foi eleito deputado estadual (1962), e em 1967, assumiu o mandato de deputado federal. Em Janeiro de 1969, teve cassado seu mandato de deputado federal suspenso por 10 anos, vítima do golpe militar de 1964. Foi incostavelmente, um dos mais brilhantes parlamentares no Congresso Nacional. Prestou relevantes serviços à imprensa popular, com seus veementes artigos e entrevistas. Em 1980, recebeu convite do arquiteto Oscar Niemeyer para organizar e presidir o Centro Brasil Democrático da Paraíba, que não chegou a realizar por se encontrar com a saúde abalada, vindo a falecer a 08 de maio do mesmo ano (DOCUMENTAÇÃO, Centro de. Guarabira, 1988).

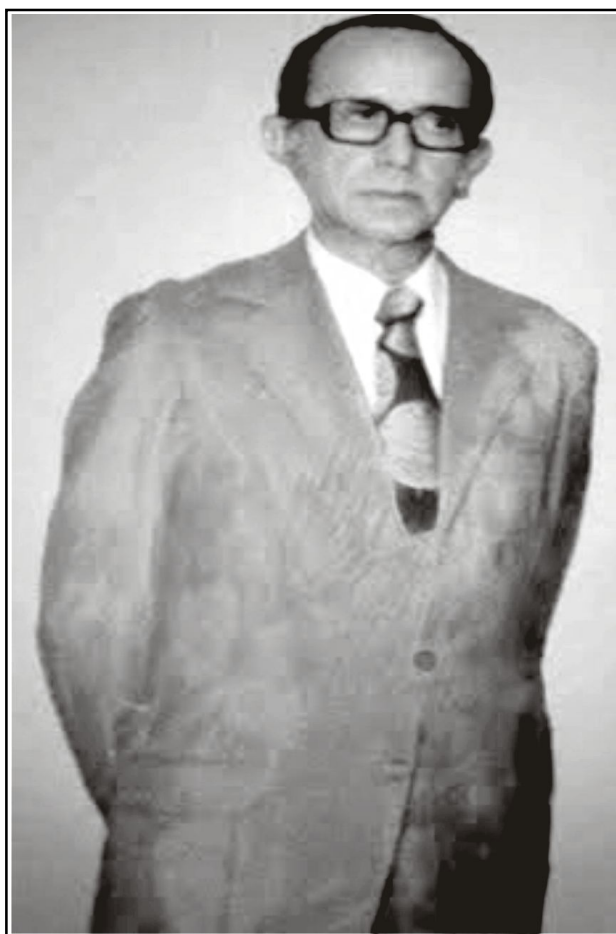


Foto 2 Dr. Osmar de Aquino
Fonte: Centro de Documentação de Guarabira

O Centro Educacional Osmar de Aquino oferece formação profissionalizante para os estudantes ao concluírem o nono ano, a antiga oitava série, sem nenhuma restrição, formação pedagógica, o curso Magistério para todos os que quiserem se inscrever em um período de quatro anos, licenciados e reconhecidos pelo MEC para as primeiras séries da educação básica ou Fundamenta I.



Foto 3 Turma do 2º ano Magistério, turno tarde. Os futuros professores primários formados pelo C.E.O.A

Fonte: Patrícia Gomes, 2010.

4.2 A Migração Escolar dos alunos do Centro Educacional Osmar de Aquino.

O fato de se localizar em uma cidade polo, como já foi mencionado anteriormente, faz da escola uma receptora de centenas de alunos de várias cidades circunvizinhas da região do brejo paraibano, que passam todos os anos não só pelo Centro Educacional Osmar de Aquino como também pelas diversas escolas que o município oferece tanto na rede pública quanto na rede privada. Fato este que chamou-se a atenção para um estudo de caso, a *Migração Pendular dos alunos de Centro Educacional Osmar de Aquino – Guarabira-PB*:



Foto 4 Migração Pendular dos alunos do C.E.O.A
Fonte: Patrícia Gomes, 2010.

O fluxo migratório pendular, pelos horários manhã e tarde dos estudantes é razoável, vindos em sua maioria das áreas rurais do próprio município guarabirense. Diferentemente do turno noite, onde o fluxo migratório pendular dos estudantes é altíssimo, chegando cerca de 60% do turno nas escolas em geral. Sem citar o fluxo da Universidade e dos cursinhos pré-vestibulares. E no Osmar de Aquino não é diferente, cerca da metade dos estudantes do turno noite, são de cidades vizinhas. Fato bastante interessante para ser discutido e analisado nas aulas, especialmente de Geografia. Debater as causas deste fenômeno, e respectivamente suas consequências, são assunto para o ano letivo inteiro, já que os alunos involuntariamente movimentam os aspectos físicos, sociais e econômicos da cidade todos os anos.

4.3 O Desenvolvimento do Estágio: Recepção

Por ter estudado na escola por cinco anos de 2001 a 2005, foi bem prazeroso voltar ao “Osmar” que tanto me ensinou, rever os professor do curso magistério, os funcionários (alguns novatos), e a querida coordenadora pedagógica dona Loudinha Mendes. Aparentemente a escola não mudou muito no seu aspecto físico, só algumas adaptações como rampas e corrimãos por todos os lados, para portadores de necessidades especiais.



Foto 5 Adaptações para portadores de necessidades especiais do C.E.O.A
Fonte: Patrícia Gomes, 2010

Minhas visitas estagiárias ocorreram nos turnos tarde e noite, turnos estes em que as aulas do curso Magistério são ministradas. Estagiei nas aulas de Geografia no turno da noite com o professor Josimar, que me recebeu simpaticamente e me deixou super a vontade com suas inúmeras turmas do 1º, 2º e 3º anos. Se dispôs a ajudar no que fosse preciso para meu estágio, e no relatório. Apesar de ser veterano na escola, já a doze anos, não o conhecia, assim como os demais professores do turno noite. Mas me relacionei muito bem com todos, foi bastante amigável e prazeroso todos os meses que passei estagiando no Osmar de Aquino.

4.4 O Corpo Docente do Centro Educacional Osmar de Aquino (C.E.O.A)

O corpo docente da escola é formado por profissionais com ótimo nível de escolaridade, todos com especialização. Fazem reuniões semanais para planejamento e sempre trocam idéias entre si para melhorar suas metodologias. Mas como em todos os lugares, sempre tem uma figura, que não se entende com ninguém, no “Osmar de Aquino” não é diferente, especialmente os professores de Geografia e Filosofia.

Como sabemos, cada professor tem uma concepção ao se tratar da sua relação com os alunos, a aqueles mais populares, os mais legais, os mais durões, os mais liberais, etc. Mas sempre com a obrigação de cumprir seu verdadeiro papel na escola, que é passar o

conhecimento de forma em que haja aprendizado, claro que não alcançam os 100% (cem por cento) da turma, impossível para qualquer um educador, mas se esforçam dentro das suas limitações. E como a escola oferece Ensino Fundamental e Médio, os professores são bastante ecléticos.

E por incrível que pareça, a maioria das reclamações por indisciplinas da parte dos educandos vêm dos que estão matriculados no Ensino Médio, o Magistério, como conversas paralelas e brincadeiras durante as aulas, são as líderes nas listas dos diários escolares dos professores. Especialmente no turno da noite, em que os alunos em sua maioria, têm quase a mesma idade dos professores, fazendo com que a relação aluno/professor fique em segundo plano, sinceramente falando, pude observar que tratam-se como colegas de trabalho, levando em conta também o fato dessa mesma maioria já lecionar em escolas rurais ou em pequenas escolas particulares.

4.5 A Sala de Aula: Relação Ensino e Aprendizagem

No início do estágio fez-se necessário aplicar um questionário para desenvolver um tema para a futura pesquisa, e a partir deste, escolher um tema para o projeto. A turma em que foi aplicado o questionário (2º ano B, turno noite), chamou-me a atenção para a diversidade de alunos de outras cidades, para se ter uma idéia, a turma com 26 alunos regulamente matriculados, apenas um era da cidade local, Guarabira. Os outros 25 alunos eram de cidades circunvizinhas como Sapé, Mari e Belém.

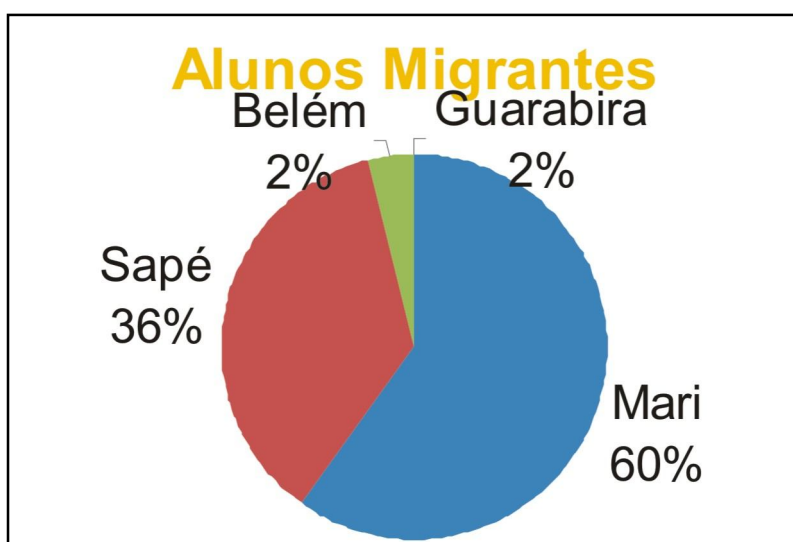


Gráfico 1 Percentual Migratório dos alunos da turma do 2º ano B, turno noite
Fonte: Patrícia Gomes, 2010.

Onde Mari com cerca de 15 alunos formam 60%, Sapé com 9 alunos, 36%, Belém e Guarabira, 1 aluno cada, formam 4% da turma. Baseado nos dados do gráfico o tema Migração e os tipos de migração como Movimento Pendular, foi o principal foco nas discussões em sala e nas atividades desenvolvidas durante todo o estágio. Devido ao fato do tema ser bastante familiar com o cotidiano dos alunos, no caso, as viagens constantes dos seus municípios para a cidade de Guarabira, os alunos contribuíram amigavelmente nas atividades e debates em sala sobre o tema trabalhado. O mais interessante foi fazê-los relacionar este fato tão comum e constante de suas vidas com o Ensino de Geografia. E despertá-los para a importância de se conhecer os conteúdos, como utilizá-los e como eles contribuem para o desenvolvimento da economia, da política e do social do município em que estudam. Até então despercebidos ou menosprezados.

Como já se vem traçando em todo o trabalho, minhas regências foram baseadas no objetivo de relacionar o Ensino de Geografia com a realidade do aluno, neste caso, a Migração Pendular dos alunos da turma do 2º ano B, turno noite do Osmar de Aquino. Tema obtido nos resultados do questionário, já que 99% da turma eram de outras cidades circunvizinhas do município de Guarabira, como Mari, Sapé e Belém. Fato comum nas escolas guarabirenses, já que as mesmas matriculam regularmente centenas de estudantes vindos de toda a Microrregião de Guarabira.

Com o tema escolhido para o desenvolvimento das aulas, fui aprofundar meus conhecimentos a respeito de Migrações Internas no Brasil. Como os alunos não possuíam livro didático adotei o livro de Marcos de Amorim Coelho – *Geografia do Brasil, 4ª Ed.* especificamente o capítulo 17, onde ele aborda a temática imigração e migrações internas no Brasil. Também foram utilizados textos e artigos publicados por especialistas como Fausto Brito e M^a das Graças Silva, sobre os fenômenos da sociedade atual, como o caso da Migração Pendular.

A temática foi ponto de partida para uma grande construção de conhecimento geográfico partindo desde o movimento migratório das grandes imigrações nas suas causas e consequências às migrações internas populacionais do Brasil nas escalas inter-regionais, intra-regionais, êxodo rural e transumância, em destaque o movimento pendular. Entre as atividades relacionadas ao estágio, os alunos deram depoimentos dos percursos feitos por eles todos os dias ao virem estudar em Guarabira, e logo após as apresentações transcreveram como mapa para o papel. Aproveitando também o momento propício para se trabalhar noções de coordenadas geográficas, onde muitos tiveram dificuldades. Dificuldades encontradas em qualquer série e sala, pois se trabalha pouco ou quase nada de cartografia nas escolas,

principalmente as escolas públicas. Sem falar nos recursos de material didático, as aulas que ministrei foram todas expositivas, mas o objetivo era fazer com que os alunos compreendessem como eles faziam parte da Geografia e viviam constantemente os conteúdos trazidos no livro didático e mais interessante ainda, como eles modificavam a geografia local de suas comunidades nos aspectos físicos, econômicos e sociais.

A regência durava cerca de 35 a 40 minutos, duas vezes por semana, na sua maioria aulas expositivas, embora precisasse de recursos como os audio-visuais, mas as aulas sempre giravam em torno de debates e questionamentos relacionados a oportunidades de geração de emprego, renda, educação, saúde, etc. já que a turma do 2º ano B era formada por pessoas adultas e experientes, que trabalhavam e outros desempregados, mas todos com conhecimento prévio de seus direitos e deveres sociais. Procurando não me prender aos livros didáticos, busquei outros recursos como textos, artigos, reportágenes publicados sobre a temática migração, e relacioná-los às experiências vividas pelos alunos no seu dia a dia. Que foram, acredito eu, assimiladas com êxito, pois falavam de seus esforços das suas tantas idas e vindas de suas cidades para estudarem e obterem uma formação, um diploma, mais que isso um emprego na área que gostam de atuar, no caso do Osmar de Aquino, a parte educacional já que oferece o curso profissionalizante de professor para o Ensino Fundamental, o Magistério.

4.6 Observações para Ser um Bom Professor de Geografia

Todo e qualquer conteúdo a ser trabalhado em sala de aula deve-se ter interatividade com a realidade do aluno, este é o ponto chave para se prender a atenção e o interesse dos alunos para a disciplina, e o desenvolvimento harmonioso da cognição dos mesmos. E não apenas desenvolver os conteúdos geográficos por sermos meramente da disciplina, mas relacionar cálculos matemáticos com às compras semanais, os textos da língua portuguesa com as correspondências familiares, e os problemas ambientais como responsabilidade de cada indivíduo, fazem dos alunos seres ativos, participativos, críticos e questionadores da sociedade em que pertence.

No caso do Centro Educacional Osmar de Aquino, como as demais escolas do município de Guarabira, por ser uma cidade polo, se deparam com o fenômeno migratório não só estudantil como também nas áreas comerciais, bancárias e da saúde. Suprindo as necessidades das cidades circunvizinhas de forma eficaz ou defasada.

Em suma, aprendi que para se trabalhar com pessoas independentemente da faixa etária, é preciso ter o compromisso com sua formação acadêmica. Não adianta ter bom discurso e não exercê-lo. Sabemos das dificuldades constantes que a educação enfrenta para se desenvolver na realidade do aluno, mas o papel do educador nada mais é do que persistir na filosofia de que tudo com uma boa explicação é de fácil entendimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste pequeno espaço de tempo em que este trabalho abordou a relação dos conteúdos geográficos com a realidade do aluno e suas metodologias, deixou-se claro o papel da educação e dos agentes inseridos nela. De fato, há diversas correntes pedagógicas que visam objetivos diferenciados, em que cada professor seguido das suas instituições adaptam-se a elas de acordo com sua identidade temperamental.

Por isso a Geografia como as demais disciplinas escolares passaram por diversas reformas e modelagens. Tudo em busca do aprimoramento da verdadeira essência do papel da educação: a cognição dos aducandos. A escola é de fato o principal agente transmissor de conhecimentos associada à prática docente, sendo estes, os agentes ativos transformadores da sociedade. Pois tem a responsabilidade de formar cidadãos ativos, participantes e críticos, enfim preparados para a vida social.

A partir dessas considerações, o importante é praticar aquilo que se acredita. O Ensino é a única forma de se adquirir conhecimentos, e para uma boa formação precisa-se de pessoas qualificadas, comprometidas com as normas e valores estabelecidos pelas leis. E o Ensino Geográfico aplicado de forma útil sem alienações, sem ser tradicional, é de fácil compreensão e fácil aceitação no cotidiano, pois tudo se relaciona com a Geografia desde o momento em que nascemos (taxa de natalidade), até ao fim de nossas vidas (taxa de mortalidade), e outras demais estatísticas que nos seguem durante todo o percurso de nossas vidas.

A Geografia Escolar tem o privilégio de tratar temas atuais da sociedade com facilidade pois a Geografia em si está presente em todos os lugares do planeta. E com suas inúmeras correntes de pensamentos e doutores em pedagogia, interpretam os fenômenos ocorridos no cotidiano para os livros didáticos em busca de ser uma disciplina completa.

Que possamos nós fazer dessas conceitos ações diárias na nossa realidade em sala de aula, que as dificuldades não sejam obstáculos para desenvolver o trabalho docente, mas uma forma de superação para melhorar a qualidade do ensino encontrado nas escolas contemporâneas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manuel Correia de. **Geografia Econômica**. 11 ed. São Paulo: Atlas, 1992.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Procedimentos Metodológicos do Ensino de Geografia**. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Cortez, 2004, p.225-235.

_____. O que é disciplina escolar? In: **O Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004, p.33-55.

BRITO, Fausto. **O Deslocamento da População Brasileira para a Metrópole**. Estudos Avançados 20 (57), UFMG, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Cidade: Uma Perspectiva Histórica**. 6 ed. – São Paulo: Contexto, 2001, p. 56-66.

CAVALCANTI, Lana de SOUZA. **A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o ensino de Geografia para a vida urbana cotidiana**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2008 – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano**. Ática, 1989. 94p.

CUNHA, José Marcos Pinto da. **Migração e Urbanização no Brasil: Alguns Desafios Metodológicos para Análise**. São Paulo em perspectiva, v.19, n.4, p.3-20 out/dez. 2005.

Disponível em: <[http:// WWW.brasilecola.com/historia/revolucao-industrial.htm](http://WWW.brasilecola.com/historia/revolucao-industrial.htm)>. Acesso em: 21/06/2010.

Disponível em: <<http://www.geocritica.com.br/geocritica.htm>>. Acesso em: 02/11/2010.

FERREIRA, Aurélio Albuquerque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

GEIGER, Pedro Pinchas. **Regionalização**. Fundação IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), ano 31.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo ano de 2009.

KAERCHER, Nestor André. Práticas Pedagógicas para lerpensar o mundo, converentender o outro e entenderscobrir a si mesmo. In: REGO, Nelson et al. (orgs). **Geografia** – Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio. Porto Alegre: ARTMED, 2007, p. 15-33.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

PESSOA, Rodrigo Bezerra. **Um olhar sobre a trajetória da Geografia Escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a Geografia atual**. João Pessoa. 2007. Dissertação (Mestrado) UFPB/CCEN.

SANTOS, Milton. (1926-2001). **Por Uma Geografia Nova**: da prática da Geografia a uma Geografia crítica. 6 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004 – (Coleção Milton Santos).

SILVA, Maria das Graças Souza. **Migrações Internas no Brasil**: seus reflexos no processo de urbanização. Resenha apresentada ao curso de Mestrado em Geografia da UFMG. Belo Horizonte- MG, 1999.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (sp65). **Capitalismo e Urbanização**. 9 ed. São Paulo: Contexto, 1998 – Repensando a Geografia.

VISENTINI, José William. Geografia Crítica e Ensino. In: **Para uma Geografia Crítica na Escola**. São Paulo: Ática, 1992, p. 15-23.

ANEXOS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA
LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

NOME DA ESCOLA: _____

ENTREVISTADOR: _____

DATA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: ____/____/2009

Roteiro para levantamento das condições sócio-econômicas e culturais dos alunos

1 - Elementos de identificação do entrevistado:

- a) Nome: _____
- b) Sexo: Masculino () Feminino ()
- c) Idade: _____
- d) Com quem mora? _____
- e) Onde nasceu? _____
- f) Filiação: Pai: _____ / Mãe: _____
- g) Profissão do Pai: _____ / Profissão da Mãe: _____
- h) Endereço: _____

2 - Condições Sócio-econômicas:

- a) Qual o valor da renda das pessoas que moram com você:
- () Menos de 1 salário mínimo;
- () Entre 1 e 5 salários mínimos;
- () Entre 5 e 10 salários mínimos;
- () Mais de 10 salários mínimos;

3 - A escola:

- a) Por que você escolheu esta escola para estudar? _____
- _____
- b) Quais as qualidades e defeitos dessa escola? _____
- _____
- _____
- c) Como é feito o trajeto de sua casa até a escola? _____
- _____

- e) Como você estuda? _____
- f) Por que você estuda? _____
- g) Em que lugar você estuda? _____
- h) Quais disciplinas você mais gosta de estudar? _____
- i) Qual disciplina você menos gosta de estudar? _____
- j) O que a geografia estuda? _____
- k) O que você gosta de estudar em geografia? _____
- l) O que você não gosta de estudar em geografia? _____

4 - A cidade, o bairro ou o distrito onde mora? _____

4.1 - Para os migrantes:

- a) A quanto tempo mora na cidade? _____
- b) Por que veio morar nessa cidade? _____
- c) O que você não gosta na cidade, no bairro ou no distrito onde você mora? _____
- d) Você conhece o centro da cidade onde você mora? O que você acha dele? _____
- e) Como você se diverte? _____
- f) No seu bairro, distrito ou sítio tem:
- 1 - () Posto de saúde; 2 - () Hospital; 3 - () Delegacia; 4 - () Comércio; 5 - () Escola;
- 6 - () Transportes; 7 - () Cinema; 8 - () Biblioteca; 9 - () Energia; 10 - () Água;
- 11 - () Telefone; 12 - () Internet;

5 - Sonhos e desejos:

- a) O que você deseja para sua vida? _____
- b) O que você deseja para vida dos seus amigos e colegas? _____
- c) E para as pessoas de forma geral? _____

6 - Você está envolvido em algum projeto social? _____

- a) Qual o nome do projeto? _____
- b) Como você participa? _____